

## REBELDIAS PRECÁRIAS DE UM CORPO-VIADO E(M) PERFORMANCE

*Gabriel Andrade Silva<sup>1</sup>*

*Daniel Santos Costa<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este texto investiga a rebeldia precária de um corpo-viado E(M) performance, utilizando como ferramentas de pesquisa a ideia de escrevivência (Conceição Evaristo, 2018), cartografia (Suely Rolnik, 2018) e performance (Tânia Alice, 2016). O estudo, portanto, estabelece um campo de reflexões sobre as práticas macro e micropolíticas, examinando as experiências em torno dessas esferas e seus viesamentos com a performance “uniformizando-me(se)” realizada pelo primeiro autor. A pesquisa se concentra em descrever a performance supracitada, concebendo-a como prática micropolítica, na qual o corpo-viado se torna um local de expressão política. A escrita que segue abaixo é performativa conquanto experimental, cujos autores buscam apresentar outras formas de escritas acadêmicas, incorporando as experiências corporais e subjetivas do corpo na escrita. Com isso, o que se pretende, é contribuir para ampliar o entendimento das políticas de corpo e sexualidade e, ao mesmo tempo tentar subverter as práticas convencionais de escritas acadêmicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Micropolítica; Performance; Autobiografia; Memória;

### PRECARIOUS REBELLIONS OF A VIADO BODY AND PERFORMANCE

### ABSTRACT

This text investigates the precarious rebellion of a queer body in performance, utilizing the concepts of "escrevivências" (Conceição Evaristo, 2018), cartography (Suely Rolnik, 2018), and performance (Tânia Alice, 2016) as research tools. The study establishes a field of reflection on macro and micropolitical practices, examining experiences within these spheres and their intersection with the analysis of the performance "Uniformizing-myself," carried out by one of the authors. The research focuses on describing the aforementioned performance, conceiving it as a micropolitical practice in which the queer body becomes a site of resistance and political expression. The text below is performative yet experimental, where the authors seek to present alternative forms of academic writing, incorporating the bodily and subjective experiences of the queer body into their writing experience. Thus, the aim is to contribute to expanding the understanding of body and sexuality politics while simultaneously subverting conventional academic writing practices.

**KEYWORDS:** Micropolitics. Performance. Autobiography. Memory.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) reside na cidade de Uberlândia – MG onde cursa mestrado acadêmico no (PPGAC/UFU), lugar onde se dedica a estudar e pesquisar gênero, sexualidade e performance. E-mail: [gabrielandrade2551@gmail.com](mailto:gabrielandrade2551@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Departamento de Artes Cênicas - curso de Dança/Teatro/Artes Cênicas. Atua no programa de Pós-graduação em Artes Cênicas e no Mestrado profissional em Artes - ProfArtes, ambos no IARTE/UFU. É Doutor em Artes Cênicas (USP), Mestre em Artes da Cena (Unicamp), bacharel em dança, licenciado em Dança e Teatro, Pedagogia e Educação Especial. E-mail: [grdcosta@gmail.com](mailto:grdcosta@gmail.com).

1. [(dis)PARADA]<sup>3</sup>

Convoco todos/as/es leitores ao galope inicial. A dar o primeiro galope. Galopar. Para isso invoco o escrito *Flor do aguapé*, contos bixas de Cláudio Rodrigues que, afetivamente, tateia a perspectiva viada de ser, escrever, produzir, amar, lembrar...

Imagem 1



Fonte: Elaboração própria (Rodrigues, 2022, p. 117).

Uma vez experienciado o pontapé inicial desta escrita, me sinto encorajado a enveredar nos campos da memória, autobiografia, performance, gênero e sexualidade para junto dos indivíduos em dissidência sexual compor um território de existência tecidas naquilo que tenho entendido como experiência viada. Experiência essa abordada neste texto de forma singular, todavia, entendida especialmente como coletiva, ou seja, um conjunto de vivências que se repetem durante a infância e adolescência das pessoas dissidentes, contribuindo na formação de suas identidades. Essas experiências moldam suas percepções sobre si mesmas e sobre o mundo ao seu redor, frequentemente em um contexto de solidão e opressão.

Um exemplo emblemático é o ato de olhar para imagens de corpos masculinos seminus em embalagens de cueca. Para muitos dissidentes sexuais, esses momentos desencadeiam sentimentos e atrações, que podem ser vistas como um reflexo de sua própria identidade sexual. Por outro lado, essa

<sup>3</sup>A autoria deste texto é conjunta, no entanto, sua narrativa seguirá em primeira pessoa aproximando o caráter autobiográfico do sujeito da pesquisa.

atração vem acompanhada de uma sensação de culpa ou medo, alimentada pela opressão social e pela estigmatização das sexualidades fugitivas dos padrões cisheteronormativos.

Essas experiências moldam a forma como os indivíduos em dissidência se percebem e se relacionam com sua sexualidade e identidade de gênero. Estes/as podem passar anos lutando para reconciliar sua autenticidade e enfrentam discriminação e violência verbal, física ou emocional nesse processo. No entanto, é importante reconhecer o quanto as experiências viadas também podem ser fontes de resistência e fortalecimento, capacitando-os/as a reivindicarem suas identidades e a se conectarem com comunidades. A experiência viada é, de antemão, um testemunho.

Para tal investigação, lanço mão de uma escrita inventiva apoiada nas escrevivências (Cf. Evaristo, 2018) do sujeito viado que sou e porque sou e suas possibilidades de experiência na sociedade à qual estamos submetidos. Acreditando ser esta uma potente estratégia para reconstruir e renegociar as identidades e experiências de vidas viadas, que são até hoje tão sucateadas e silenciadas. Nesse viés, recorro às minhas vivências familiares-cotidianas, algumas da infância e outras da juventude, articuladas às situações emblemáticas da sociedade que configuram o arcabouço reflexivo e teórico.

A ideia de que nós, seres humanos, estamos desde 1500 “[...] vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (Krenak, 2019, p. 22), esta ideia me atormenta e conduz à conclusão de que nós viados, estamos sendo engolidos pela civilização. E pouco a pouco somos mastigados e ser mastigado dói, dói muito, mas já nos acostumamos... talvez nos anestesiemos.

Então, venho nessa perspectiva mastig(ativa) e mastiga(dor)a falar de dissidência sexual, buscando produzir conhecimento e reflexões sobre, com e pelos viados, partindo das premissas originárias dos episódios traumáticos da vida de um/a sujeito/a que, por condição, escapa das normas padrões de gênero. Entendendo gênero “[...] como uma ordem social, uma regulação da vida das pessoas que configura o modo como estas vivem, o que pode expô-las como vulneráveis e precárias e que as deixa sujeitas a determinadas formas de violência” (Oliveira, 2017, p. 32).

Geométrica, gramatical e performaticamente, traço vetores juntos aos que não possuem escolha. São marginalizados e ponto. Ponto aqui, investigado não como final concebido, mas como o alavancar dos dispositivos preconceituosos criados e reproduzidos pela sociedade cisheteronormativa, que por razões óbvias, não conseguem constituir modos de viver fora do padrão binário que, até hoje, impera nas relações, nos ambientes e nas dimensões micro e macropolíticas de poder.

São essas dimensões, por sua vez, que me possibilitam trilhar um caminho de pesquisa sempre acompanhado, pois, as histórias LGBTI+ só podem ser escritas no plural (Quinalha, 2022, p. 18). Questiono, portanto: quais razões levam um/a sujeito/a viado/a da experiência pesquisar dissidência sexual? Pode parecer retórico tal questionamento, entretanto, faz sentido no rumo das investigações a determinação do lugar de fala de onde pronuncio uma possibilidade de existir. A narrativa dissidente trazida contrapõe a visão estereotipada, que vem sendo alimentada em décadas anteriores nas diversas áreas de conhecimento e que propunha “[...] justamente buscar as raízes hormonais, fisiológicas, cromossômicas dessa especificidade, sem que tenham alcançado alguma conclusão mais definitiva e exitosa da tarefa até o momento” (Quinalha, 2022, p. 27). Considera-se, então, esse movimento como o precedente da patologização, não só da homossexualidade, mas de toda e qualquer dissidência de sexo e gênero. Antes mesmo da epidemia de Aids<sup>4</sup>, esses dispositivos patologizadores já operavam em nossos corpos. Portanto, grande parte dos pesquisadores que se enveredavam em pesquisar viadagens, bichalidades, sapatônicas, nesse período, acabavam por reforçar e legitimar mais ataques e massacres aos corpos LGBTQIAPN+<sup>5</sup>.

O surgimento da insatisfação de certos artistas com a exploração materialista do corpo, que se deu no final da década de 60, os conduziu a criar uma extensa gama de obras performativas baseadas em elementos da história pessoal de seus idealizadores, conhecidas como "autobiográficas". Além disso, muitos/as performers também exploraram a "memória coletiva" em suas obras, complementando assim a reconstrução da memória privada. “As performances autobiográficas eram fáceis de acompanhar, e o fato de os artistas revelarem informações íntimas sobre si mesmos estabelecia uma forma particular de empatia entre o performer e o público” (Goldberg, 2015, p. 143). A rede de práticas performativas iniciada desde então se volta atualmente não só em produzir conhecimento acerca das formas de resistência e luta aos regimes de opressão impostos aos corpos em dissidência mas, sobretudo, em criar poéticas e micropolíticas “[...] de uma vida, individual ou coletiva, que logra reapropriar-se de sua potência e, com ela, driblar o poder do inconsciente colonial-capitalístico que a expropria” (Rolnik, 2018, p. 65). Neste viés, a arte da performance se apresenta

---

<sup>4</sup> Vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS). O termo AIDS foi introduzido pela primeira vez em 1982, quando o agente causador da doença ainda era desconhecido. Desde os primeiros diagnósticos na década de 1980, viver com HIV/AIDS era associado a uma prática sexual excessiva, desviante e desregrada. Essa percepção social da AIDS, moldada por conceitos preconceituosos e estigmatizantes, foi fundamentada na moral dominante, patriarcal e heteronormativa da sociedade. Disponível em: <https://unaids.org.br/> Acesso em: 28 mar. 2024.

<sup>5</sup> L: Lésbicas G: Gays B: Bissexuais T: Transgêneros/Transexuais/Travestis Q: Queer I: Intersexo A: Assexual P: Pansexual N: Não-Binário +: pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero.

como a rebeldia que, por meio do afeto, tenta dissolver as fronteiras entre as políticas do desejo e as experiências, mas também, como território fértil, cujas experiências viadas possam germinar.

É certo que enclausurar estas experiências num entendimento não poroso, torna-se e reforça esse caráter estigmatizado dos modos de ser e existir no mundo. Por isso, elas estão, necessariamente, intrínsecas e se desenvolvem a partir das narrativas pessoais que compõem este corpo. Trata-se, portanto, do resgate autobiográfico transformado em ação performativa, que possibilita com que este sujeito/a exista ao seu modo. Entretanto, a pretensão maior é fazer com que as experiências viadas não estejam limitadas somente à arte da performance, mas sim à sua expansão para o contexto social, político e econômico.

Parece uma avalanche quando os discursos referentes a gênero, sexualidade e identidade invadem os espaços e chegam à população de massa. Primeiro beijo gay em uma novela da Globo: dois heterossexuais, CIS, brancos, aplausos. Aplausos? No dia 31 de janeiro de 2024, fez dez anos desse feito. Feito? E a exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* do Santander Cultural, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, cancelada quando estávamos prestes a viver a ebulição política, em 2018. E mais recentemente, Ramiro e Kelvin, o casal gay da novela das nove, que ganhou o coração de todos do Brasil. Todos? E os ataques cibernéticos? As ameaças de morte? Estes movimentos têm nome, sabemos muito bem qual e lidamos cotidianamente com tal opressão. Questiono, então, como driblar esse regime preconceituoso e excludente que oscila entre consciência e inconsciência dos fatos em nosso entorno?

Não há como negar, de um modo ou outro, como emblemático, estonteante, simbólico, tortuoso ou problemático esses discursos chegam e o que alegam diante disso. É confuso demais! Confuso por ser confuso mesmo ou por que não há interesse e mínimo esforço para entendê-los? Rita Von Hunty<sup>6</sup> em seu canal, por exemplo, desanuvia essas questões de um modo pedagógico, afirmando não ter como não entender. Sigo convicto dessa percepção. O conhecimento, nós temos! Uma possível pedagogia, nós temos! E isso significa puramente e reafirma que o problema não somos nós, nunca foi. Diante disso, precisamos aprender a deslocar e transformar essa percepção numa revolução a nosso favor na “revolução dos afetos”, como define a professora e pesquisadora da performance Tânia Alice (Tânia, 2016, p. 134). É aí que imagino também estar localizada a nossa rebeldia. A rebeldia viada, num

---

<sup>6</sup> O canal *Tempero Drag* de Rita Von Hunty está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=eaDfvChma3Q>. Acesso: 29 jan. 2024.

trânsito em arte-vida, conjugada num modo de fazer arte, ou seja, numa experiência performativa. Este é o terreiro da experiência viada.

As experiências afetivas no contexto artístico atuam no domínio da produção de subjetividade, no sentido de uma ressingularização individual e coletiva, ao invés de se inscrever no contexto da construção e manutenção do CMI (Capitalismo Mundial Integrado), legitimado pela mídia. É sugerida, assim, uma lógica diferente, uma lógica das intensidades, dos perceptos e dos afetos, uma ‘eco-lógica’, que propõe novas práticas e maneiras de atuar no mundo, de viver juntos, trabalhando para a humanidade e não para manutenção do sistema capitalista, produzindo um novo sistema de valores e a aparição de novos polos de valorização (Alice, 2016, p. 134).

Pensar em formas de existência para nós, fugitivos dos padrões impostos, significa nos conectar com a almejada transformação política, macro e micropolítica. E essas noções políticas são muito preciosas para que se compreenda os fluxos e formas que surgem desse trânsito. Enquanto uma existe para todos, e isso não significa adesão total, a outra (sub)existe nas vielas, nos fundos, nos territórios marginais, cuja parcela da sociedade, ainda muito pequena, se dispõe a torná-la vigente. Indiscutivelmente legítima, a luta LGBTQIAPN+ oriunda principalmente das grandes manifestações realizadas geralmente no mês de junho, simboliza um marco do orgulho de pertencer à comunidade. Depois de décadas reivindicando gozar de direitos inerentes a qualquer cidadão, mas que nos foi retirado pela nossa condição de vida, ainda somos submetidos ao ridículo, sendo questionados sobre o direito de nos casar, por exemplo. Analisemos brevemente essa questão pelos seguintes vieses.

A primeira perspectiva se relaciona ao movimento LGBT que desde a década de 70 nada contramaré, enviando propostas de lei ao Supremo Tribunal Federal para que o casamento entre pessoas do mesmo sexo fosse legalizado. Esse projeto de lei 580/2007 foi criado por Clodovil Hernandez e propunha a inclusão da união homoafetiva no Código Civil. Desde então, foi pensado e (re)pensado até ser sancionado em 2011. Mas, não somente nessa mesma empreitada, apresentava-se o anseio de que ações homofóbicas fossem consideradas crimes e seus executores respondessem judicialmente por ele, o que aconteceu somente em 2019, quando as ações homofóbicas equipararam-se às de racismo. Vale a pena ressaltar que essas conquistas ainda estão em estado de alerta, devido aos resquícios sociais desastrosos oriundos de 2018, ou seja, a qualquer momento podemos acompanhar a virada da face dessa moeda.

A segunda perspectiva é atravessada pelos escritos de Judith Butler, filósofa estadunidense pós-estruturalista, uma das principais precursoras dos Estudos *Queer* e do conceito de “performatividade de gênero”, quando afirma que “dizer, no entanto, que o gênero é performativo não é apenas insistir no direito de produzir um espetáculo prazeroso e subversivo, mas alegorizar maneiras espetaculares e

consequentes por meio das quais a realidade é reproduzida e contestada” (Butler, 2022, p. 57). A autora evidencia a concepção de uma ética norteada pelo reconhecimento das limitações constitutivas de quem somos. Já o filósofo e escritor Paul B. Preciado, importante referência nesse viés, vai cunhar definições como a de identidade sexual e de gênero, assim como, a defesa do não reconhecimento dos corpos apenas na binariedade e sim como corpos falantes:

Eles dizem homem/mulher, branco/negro, humano/animal, homossexual/heterossexual, válido/inválido, são/doente, louco/sensato, judeu/muçulmano, Israel/Palestina. Nós dizemos você está vendo que o se aparelho de produção de verdade não funciona... (Preciado, 2020, p. 45).

Ambos nos provocam a estabelecer um olhar crítico sobre essas pautas, antes tomadas como o auge e agora como pontos a serem refletidos. A problemática passa a ser o porquê lutamos para conseguir os mesmos direitos de sujeitos heterossexuais, visto que a dissidência sexual não deveria ser parâmetro para se ter ou não direitos.

As perspectivas evidenciadas estão amalgamadas pela dimensão macropolítica desse debate. Mas, o que interessa é identificar/criar ações que se concebem no território micropolítico. Esse movimento é realizado na estreiteza do cotidiano, de modo a ser quase imperceptível, até mesmo aos olhares mais atentos. “Nesse território as ações do desejo consistem, portanto, em atos de criação que se inscrevem nos territórios existenciais estabelecidos e suas respectivas cartografias, rompendo a cena pacata do instituído” (Rolnik, 2018, p. 61). Percebe-se, então, que é nessa viela micropolítica de luta, resistência e fabulação que a arte se insere agindo na fricção entre experiências e desejos, nos fazendo perceber a importância dos contornos subjetivos e discursivos presentes na transterritorialidade. Isso garante que tais ações não se restrinjam apenas ao âmbito estético, mas expandidas para outros eixos.

Apoiado na crescente ausência de afetos na contemporaneidade, questiono: De que maneira isso impacta as estratégias adotadas para lidar com as dificuldades de ser um sujeito viado? Afinal, “[...] não basta agir na esfera macropolítica, onde atuam tradicionalmente as esquerdas, sobretudo as institucionais- isso explicaria inclusive sua impotência face aos rumos atuais do regime colonial-capitalistístico” (Rolnik, 2019, p. 33). É preciso agir. Agir com urgência. Nesse propósito, trago à tona a ação performativa ‘Uniformizando-me(se)’, realizada em setembro de 2022, na cidade de Uberlândia - MG.

## 2. [PISADA BRUSCA]

O roteiro desta ação tratava-se em sair nas ruas da cidade de Uberlândia – Minas Gerais, à procura de um objeto com a temática LGBTQIAPN+, em um mês distinto daquele em que celebramos o orgulho de pertencer à comunidade, ou seja, junho. Foi no dia quinze de outubro de dois mil e vinte dois, quando estava indo ao Shopping center com minha mãe, irmão e cunhada que me dispus a realizar este roteiro pré-estabelecido. O objeto que me veio à mente para ser procurado foi uma camiseta que possuísse dizeres ou símbolos sobre o tema proposto.

A primeira tentativa se deu numa loja de departamentos em que passei em torno de 45 minutos revirando as prateleiras e araras da loja; não encontrei nenhuma camiseta com a estampa desejada. Decido, portanto, pedir ajuda a uma funcionária que estava próxima. Alguns minutos a mais de procura e verificação no estoque, veio a confirmação: não havia nenhuma camiseta com a estampa desejada. Não desanimado com tal resposta, continuei caminhando dando sequência à ação programada.

Em outra loja, novamente, acesso às tecnologias de procura, esgarçando toda e qualquer possibilidade de encontrar uma camiseta com a estampa desejada. Alguns minutos depois, percebendo a aproximação de um funcionário, decido pedir ajuda. Ele tratou logo de me jogar um balde de água fria, sugerindo que desistisse, com a justificativa de que fora do mês em que se comemora o orgulho LGBT, dificilmente iria encontrar roupas com aquele tipo de estampa. Agradeço e ao sair da loja reafirmo o desejo de continuar a ação.

Num terceiro estabelecimento comercial minha busca não foi tão frustrada; pois, em uma arara no canto esquerdo, quase imperceptível, havia uma única regata de tamanho GG, contendo o Mickey e sobre sua cabeça o desenho de um arco-íris. Vou à procura de um funcionário e questiono se no estoque não teria um tamanho menor. Após verificações, conclui-se que aquela era realmente a última e única peça de roupa naquela temática existente na loja. A essa altura, não encontrar o que ansiava começou a me incomodar, gerando um certo desânimo. Decido, portanto, ir encontrar meus acompanhantes que me aguardavam num local do shopping.

Entrei e fui ao encontro da minha mãe, que estava nas proximidades do setor de utensílios domésticos, ao lado do setor de moda e acessórios. Conversando com ela, percebo estar perto de uma mesa com algumas, não muitas, camisetas desarrumadas, decido arrumá-las. Uma cai no chão, quando agacho para pegá-la, noto que há um outro compartimento embaixo, repleto de camisetas, estas devidamente dobradas. De relance, ao subir para colocar a camiseta que estava caída no chão, percebo a presença de uma estampa colorida.

Despretensiosamente, ao revirar o segundo compartimento daquela mesa, encontro a camiseta cuja estampa era a que tanto procurava. Uma única camiseta na cor preta e no tamanho M. Na estampa, a palavra PRIDE (orgulho, em Língua Inglesa) se destacava em meio às cores do arco-íris. Foi desse modo, vulnerável, ao acaso, que consegui finalizar a ação. Isso me conduziu ao entendimento de que mesmo quando, a princípio, havia desistido da ação, uma força invisível aos olhos carnis me fez completar o programado. É como se, mesmo quando imaginei desacionar a tecnologia de procura, algo pulsante em mim saltasse aos olhos e não me deixasse desvencilhar dessa busca.

### 3. [PARA CONSEGUIR A(COM)PANHAR]

Um fato, o mundo está carente de afetos.

Desde muito antes do período pandêmico, estamos, sobretudo nós viados, esvaziados de afetos.

Sempre estivemos esvaziados de afetos. Nossa história é essa.

Período pandêmico. Sofrimento, muito sofrimento.

Independentemente da direção do olhar, dor, desespero, desgaste, desassossego...

Mantenha a distância. Resguarde as distâncias. Um metro e meio.

Meu braço tem sessenta e quatro centímetros.

Fique em casa. Fique em casa?

Ficar em casa, para muitos, significou se reunir.

Ficar em casa, para alguma parte da sociedade, significou descredibilizar severamente cientistas, médicos e agentes de saúde.

Como foi, para nós viados enrustidos, passar mais de dois anos em casa?

Olho para os lados e vejo somente as pessoas que amo.

Olho e me anulo.

Olho e não observo viadagens. Nem as minhas, muito menos as de outros.

Olho e duvido do amor que sinto.

Ver é diferente de observar.

Tínhamos tempo para observar, a pandemia nos trouxe isso.

Não temos mais, o cotidiano pós-pandêmico nos roubou isso.

Agora só vejo. Ver. Não percebo minhas viadagens.

É como se tivesse perdido a capacidade de perceber quem realmente sou.

Um ser viado, sem viadagens.

Acredito ter provado para mim mesmo, o quão bom ator sou.

Eu sou um bom ator. Ou imagino ser um bom ator. Ou o pacto do silêncio que me rodeia fez com que acreditasse que sou um bom ator.

O primeiro menino que beijei depois de todo esse período caótico, só beijei.

Amedrontado, só beijei. Cheio de desejo e tesão, só beijei.

Um beijo quase épico no MuNa- Museu Universitário de Arte.

Precisaríamos nos encontrar num lugar espaçoso e que tivesse relativamente um fluxo baixo de pessoas. Ideal. Propício. Só nós dois naquele lugar.

Mais de dois anos sem sexo. Sem transar.

Sem sentir o membro desonesto fazendo festa.

Jorrando espumas ao vento. Ao vento não, em mim, dentro de mim.

Âncora. Ancorar. Ancorar-me.

Já percebeu as similaridades da âncora com o pinto.

Falocentrismo. Horror. O horror se apresenta nos detalhes. Perceba. **V.I.ADO**

Os problemas se derivam dele, o membro desonesto.

Duas estruturas que quando completadas se tornam círculos viciosos, prontos para serem preenchidos com o líquido odorífero que trava quando entra em contato com a goela.

A essas esferas se acrescenta uma parte verticalmente ereta e munida do peso ideal para foder qualquer fundo de mar, qualquer bunda ou vida.

O pinto tem essas instâncias.

Fode a bunda e depois a vida.

A âncora tem essa instância, afundar-se até agressivamente tocar o fundo do (oce)ânus.

Afirmo, portanto, ser inerente retomar e friccionar as instâncias das memórias.

Sobretudo as que fazem referência ao período que originou tudo isso que hoje estamos repudiando.

Desconfio de palavras que não estão no gerúndio.

Percebam verbos no gerúndio, nos remetem ao movimento.

Gerúndio. Gerundismo.

Ancorando... Fodendo... Embarcando... Jorrando...

Por motivos óbvios de sobrevivência e aceitação, as viadagens ficaram resguardadas.

Além das distâncias, as viagens são forçadas a estarem resguardadas.

Experimenta ser viado no(s) ambiente(s) inapropriado(s).

Experimenta dar nome aos bois que te desapropriam de si e acreditam estar tudo bem.

É... viver neste mundo não é para amadores.

Traçar contornos subjetivos e discursivos neste mundo não é para qualquer um.

O que está em jogo é a verdade e não a realidade do fato.

É igual quando, ao me interpelar, chamam bichona.

Trato logo de mostrar o viado geométrico tatuado em meu braço esquerdo.

Bichona não, viadinho.

Assim mesmo no diminutivo.

Para combinar com você, mente imunda!

Ser gay não é ser viado.

Ser bicha não é ser viado.

Ser homossexual não é ser viado.

Viado é ser... e isto basta.

- Brincar de boneca não é brincadeira de homem e basta!

Perdi as contas de quantas vezes essa frase sonora fisicamente invadiu meus ouvidos.

Basta, aqui, significa um ponto que por sua vez significa algo que ultrapassa a delimitação de um final. Opressão. Opressão afetiva.

*Cheiro de mato. Interior de Minas Gerais, mais precisamente, município de Santa Vitória. Casa da amiga da minha mãe que tem uma filha cuja idade se aproxima da minha. Brincávamos de maquiar as bonecas enquanto elas, as mães, conversavam na sala. A maquiagem das bonecas rapidamente se transferiu para o meu rosto. Num átimo de esquecimento vou na sala, sou notado, mas a maquiagem no rosto é percebida antes da minha chegada total ao ambiente, quase uma premonição acompanhada de um grito/susto. Mando a dona da casa tomar no cu e saio correndo. Choro, lágrimas, compreensão do erro e pedido de desculpa. Qual é o erro? Estar maquiado ou mandar tomar no cu? Para mim tomar no cu nunca será um erro ou algo ruim, por isso me polio muito em mandar pessoas tomarem no cu, vai que gosta. Para mim, estar maquiado nunca será sinônimo de erro.*

No corpo do outro sempre é carnaval, e no seu?

Quantas vezes nos sentimos incapazes de carnavalizar por estarmos amalgamados nesse cenário opressor? Nesse cenário opressor-afetivo?

Essa força que nos atinge, de todos os lados, sem deixar ser capturada é demasiadamente desastrosa.

As extremidades dessa força são unidas até se tornarem rede.

Rede tramada com experiências traumáticas. Sempre traumáticas.

Cartografar experiências que se configuram como um devir- viado.

Essa estranha experiência viada de ser assombrado.

Entenda, não são só os mortos que assombram.

Desde criança...

Sapato de salto da minha mãe, viado.

Batom vermelho da minha mãe, viado.

Blusinha curta da minha mãe, viado.

Aos nove anos começo a cobrar-me ser magro, viado.

Aos quinze anos, me encorajo a cheirar a cueca de um desconhecido, viado.

Enquanto todos dormem, cheiro cueca.

Aos dezesseis anos me relaciono com uma menina, viado.

Nada além de beijos e repulsa.

Gostaria de me esquecer disso.

Gostaria de não ter vivido isso.

Gostaria que minha primeira experiência amorosa fosse com um homem.

Lembro também do comentário que fiz sobre gostar de calcinhas de renda.

A mãe dela foi lá e comprou. Ela me mostrou, como quem quer e espera que algo aconteça.

Experiência traumática. Algo além de beijo.

Experiência ímpar. Ela poderia prever o significado do comentário.

Essa experiência permanece em mim.

A ameaça de viver experiências como essa desde sempre me assombra.

Esse tormento me faz aproximar e gerar fricções sobre os campos do desejo e da experiência.

Nessa ocasião, meu desejo esteve apartado da experiência. “Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão” (Larrosa, 2022, p.28).

Experiências são Experiências. Experiências são pedagógicas.

Experiências não podem ser fabricadas.

Desejos são desejos. Desejos são reais e podem ou não ser fabricados.

Genuínos ou não. Mas sempre desejos.

Os genuínos nascem conosco, os fabricados são adquiridos ao longo das experiências da vida.

Ser viado é um desejo genuíno.

Reafirmo, portanto, meu desejo não acompanhou minha experiência.

Ser viado quase nunca acompanhou as minhas experiências.

Se o que experienciei não foi uma predileção ou amor, muito menos um martírio. Então, só posso ter vivido algo que se insira não apenas no trânsito ou na passagem de território, mas, na transformação efetiva dessa alternância em uma situação nova, híbrida e fugaz. Apoiado no pensamento de Suely Rolnik (2018), tenho percebido essa dimensão como transterritorialidade, ponto que localizo as minhas experiências viadas.

Nesse sentido, habitar a transterritorialidade se torna quase intrínseco ao sujeito viajante que ao viajar “[...] interrompe a comodidade, abala a segurança, sugere o desconhecido, aponta o estranho, o estrangeiro” (Louro, 2020, p. 23). E diante disso se colocam a transitar por entre as ruelas marginalizadas das emoções, dos sentimentos, das rejeições e pensamentos. Imagino que o caminho das artes seja o que melhor assegura esse trânsito viado por possibilitar o vislumbre encarnado da fronteira entre as experiências e os desejos na transterritorialidade. Nesse caminho, a ideia de dissidência sexual se apresenta não como um conceito frio a ser colocado em debate, mas, como uma perturb(ação). Ação de constantemente buscar formas, novas formas, fluxos.

**Breve. Muito breve. Talvez não precise ser tão breve. Quase nada é tão breve. Brevidade. Um corpo viado breve, não tão breve assim. Um corpo viado interpreta. Um corpo viado dança. Interpreta mais do que dança. Interpreta verdades e dança conceitos...<sup>7</sup>**

#### 4. [PARAÍSO]

Na esfera do combate micropolítico, a imagem do paraíso é a de um mundo onde a vida encontraria enfim sua suposta paz eterna – um delírio fabulado por forças reativas (Rolnik, 2019, p. 97).

Provocado pela existência, nem que seja fictícia, desse ‘suposto paraíso’, caio numa emboscada. Esse pensamento, como tantos outros, me fazem provar do veneno que implantaram em mim, que me fizeram acreditar não fazer mal algum. A experiência que tenho com o desejo mais uma vez não

<sup>7</sup> Ver a ação performativa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OKdmk4jvjh8>. Acesso em: 13 jul. 2023.

acompanha a realidade dos fatos. E em meio a um caldeirão de inexistências, impossibilidades de ser-agir, culpas e invisibilização, vislumbro o que seria meu paraíso. E essa perspectiva de paraíso a qual me aproximo, assim como a palavra mãe começa com a letra M.

Meu paraíso antes de ser mãe é Márcia. Márcia dá risada larga, alta e expressiva, assim como eu. Meus desejos, quando estou perto dela, acompanham genuinamente minhas experiências. E por isso, sou transportado para transterritorialidade e vivencio a diluição da existência. Eis a primeira atitude micropolítica que exerço após me entender viado. Amar e contra-amar a minha mãe. Mas apesar disso tenho medo.

Medo de culparem ela pela minha dissidência sexual.  
Medo de agirem maldosamente por conta disso.  
Medo.  
Sei que esse assombro também a acompanha.  
Há medo!  
Assim como as histórias dos dissidentes não se apresentam no singular, os sofrimentos também não.  
Todos sofrem.  
Não há exceção.  
Sempre no plural.  
Sempre sofrendo.  
Mas o medo alvo ocupa o corpo visível exposto à dissidência.

Somos nós dois numa redoma, se nutrindo do amor que prezamos um pelo outro. Um amor seguro. Seguro no sentido de poder ser quem sou e ainda ser muito amado. Seguro minha mão na sua e de repente me sinto da melhor maneira que poderia me sentir: VIADO. As mães têm essas instâncias de amor e isso faz com que queira enclausurar-me com/na minha. Mas não está certo, esse movimento é justamente o que esperam e querem de mim. Enclausurar-me.

É engraçado como algumas pessoas se tornam, pela via do afeto, transterritorialidade. É engraçado e estranho experienciar isso. Sou atravessado pelo olhar da minha mãe. Sou atravessado pelos olhares de vergonha. Encar(n)o os olhares de ódio. E entendo que não posso ser viado pela ótica de outros, mas sim ser o que sou e ponto. Nesse sentido, o ponto significa o final. Significa, mas isso não sugere a sua transposição para a realidade. É por isso que ser viado é ser. É por isso que ando por aí criando rebeldias performativas e procurando por meio delas acessar as tecnologias que deixam perceptível as façanhas inconscientes que vêm se tornando, de algum modo, justificativa para a LGBTQIAPN+fobia.

## 5. [ACIONAR]

Espero ter dimensionado ações micropolíticas que estejam associadas diretamente ao fazer artístico ou não. É praticamente impossível fugir desses dispositivos quando se pretende garantir a existência dos/as viajantes e das reflexões sobre como ainda nossa sociedade continua, exacerbadamente, invisibilizando a comunidade LGBTQIAPN+. A pretensão é, e imagino não se encerrar aqui, tornar visível as formas micropolíticas que possam respaldar a ascensão dessa comunidade, tal qual essa nossa/minha rebeldia precária.

Aos poucos e ousadamente atribuo grande parte dessas conquistas às micropolíticas, percebo que estamos reivindicando cada vez mais concretamente o que é nosso por direito e acessando lugares de poder, jamais imaginados. Artistas como Tales Frey, Rafael Bqueer, Isadora Ravena e tantos outros somam forças para que possamos coletivamente entender o quanto as ações micropolíticas contribuem para que nossas narrativas se tornem de conquistas e poder, escapando, com isso, das narrativas de sofrimento e violência.

Não tenho perspectiva de transformação deste mundo, não acredito que essas ações são capazes de transformar por inteiro coletivos, muito menos possibilitar a vivência real do paraíso. Não posso ser otimista a esse ponto. Os meus estão morrendo e uma hora certamente chegará a minha vez. Nesse sentido, me pego tentando, assim mesmo no gerúndio, enviar as discussões e criar tentativas. Amanhã, certamente, criarei outra e assim por diante. Tentativas que irão se contradizer e está tudo bem. A potência daquilo que é efêmero. O fato é que esta evidência me despertou o desejo de experienciar a tentativa de término com a verdade, com a realidade. Utilizo para isto uma imagem. Término deste texto. Final? Ou onde tudo re(começa)?

O PODER TEM LIMITE?

**Imagem 2**



**Fonte:** Elaboração própria.

## REFERÊNCIAS

- ALICE, Tânia. **Performance como revolução dos afetos**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2016. 225 p. v. 1. ISBN 9788539108190.
- CONCEIÇÃO, Evaristo. **BECOS da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas editora, 2018. 162 p. v. 1. ISBN 978-85-347-0552-3.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022. 451 p. v. 1. ISBN 978-65-5711-129-1.
- KRENAK, Ailton. **Idéias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 87 p. v. 1. ISBN 9788535932416.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 175 p. v. 1.
- LOURO, Guacira. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 109 p. v. 2. ISBN 978-85-513-0390-0.
- OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediências de Gênero**. 1. ed. Salvador, BA: Devires, 2017. 124 p. v. 1. ISBN 9788593646034.
- PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 317 p. v. 1. ISBN 978-85-378-1883-1.
- QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. ISBN 978-65-5928-168-8.
- RODRIGUES, Cláudio. **Flor do aguapé: contos bixa**. 1. ed. Uberlândia, MG: O Sexo da Palavra, 2022. 128 p. v. 1. ISBN 9786588010334.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018. 208 p. v. 1. ISBN 9788566943597.

*Data de submissão: 06/02/2024*

*Data de aprovação: 20/05/2024*